

BULLYING NA ESCOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Mauro Lúcio Mazini Filho

Paulo Roberto de Sousa Ameno

Carlos Gonçalves

Gabriela Rezende de Oliveira Venturini

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar a tratar o bullying nas escolas, para refletirmos sobre a necessidade do conhecimento e da prevenção desse fenômeno, especialmente que a Educação Física pode ajudar a diminuir ou acabar o bullying nas escolas. O Bullying é um fenômeno devastador podendo vir afetar a auto-estima e a saúde mental de suas vítimas. Geralmente ocorre quando a vítima é mais suscetível ou vulnerável as agressões verbais ou morais que lhes causam angústia e dor, principalmente quando ocorrido em ambiente escolar traduzindo-se como uma forma de exclusão social. Pode desencadear alguns problemas de saúde tais como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo suicídio. Diante da gravidade de tal problema e mediante as várias opiniões de especialistas em busca de soluções é que se faz o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Escola. Bullying. Educação Física.

INTRODUÇÃO

Apesar da ocorrência diária de casos, mas considerada nada normal, a violência vem sendo abordada em programas de televisão e reportagens em revistas e jornais que além de relatarem fatos, propõem discussões sobre o assunto. Mais recentemente as escolas vêm participando desta luta abordando situações que ocorrem fora e dentro do ambiente de aprendizagem.

São identificados diversos tipos de violência, como a física, a doméstica, a psicológica, a sexual, o *bullying*, que não são mutuamente exclusivos; e nem sempre estes são praticados por pessoas estranhas à vítima. No caso das crianças e jovens, o fato de serem mais vulneráveis que os adultos, contribuem para as cifras de casos que, na grande maioria das vezes, não é denunciado. A violência pode ser velada, quase sutil, mas não menos traumática.

Brigas, ofensas, intimidações, comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas, repressão são tipos de violência geralmente associados à infância. Estudos indicam que a ocorrência destas situações pode gerar conseqüências sérias, incluindo-se casos de suicídio, baixa auto-estima e novas fontes de violência.

Todos os dias, alunos no mundo todo sofrem com um tipo de violência que vem mascarada na forma de “brincadeira”. Estudos recentes revelam que esse comportamento, que até a pouco tempo era considerado inofensivo e que recebe o nome de bullying pode acarretar sérias conseqüências ao desenvolvimento psíquico dos alunos, gerando desde queda na auto-estima até em casos mais extremos, o suicídio e outras tragédias.

A realidade que presenciamos nas escolas é assustadora em relação aos alunos que sofrem o bullying, onde os mesmo passam por situações de humilhação, gozações, ameaças, chantagens e intimidações.

Bullying é uma palavra inglesa que foi adotada em outros países e que se refere à intimidação. É definida como o "desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão" (TATTUM; HERBERT, 1997 *apud* DEBARBIEUX; BLAYA, 2002). No Brasil, a ABRAPIA, Associação Multiprofissional de Proteção à Infância, em parceria com o Programa Petrobrás Social, está desenvolvendo, desde setembro de 2002, um projeto piloto destinado à identificação e prevalência de *bullying* entre estudantes e implantação de políticas *anti-bullying* em 11 escolas de 1º grau no Rio de Janeiro, sendo 9 municipais e duas particulares. *Bullying* é definido por Nancy Day (1996: 44-45) como abuso físico ou psicológico contra alguém que não é capaz de se defender.

O trinômio família-escola-sociedade é fundamental para que qualquer atitude nesse sentido alcance seu êxito. Não há dúvidas de que a maioria dos casos de *bullying* acontece no interior da escola, local onde deveriam ser desenvolvidos os laços afetivos e o respeito mútuo.

Além de transmitir regras aos filhos, os pais devem estar sempre alertas para perceberem sinais de envolvimento com o *bullying*. Essa percepção pode se dar através de diálogos sobre o dia a dia escolar e na leitura de possíveis indícios que os filhos tragam consigo.

O professor é ímpar na detecção prévia dos casos de *bullying*, pois está em contato direto com os alunos e deve observar individualmente as crianças que despertam maior atenção. Através de uma folha padrão que diagnostique os possíveis agressores, vítimas e espectadores para o aprofundamento do caso quando necessário.

É fundamental o contato entre pais, alunos e professores para que assim a criança se sinta segura e autoconfiante para, quando vitimados, se sintam encorajados, rompendo o silêncio e dando um basta no *bullying*.

O novo século vem trazendo modificações marcantes como a mundialização, mudanças econômicas, o avanço da tecnologia, a massificação dos sistemas de

educação (CHRISPINO; CHRISPINO, 2002), a diversidade cultural e tantas outras. O perfil dos educadores e dos gestores pede uma transformação reflexiva que acompanhe as necessidades de nossa época. Questões como a violência escolar apresentam relevância no atual quadro educacional.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi realizar uma revisão de literatura sobre o fenômeno bullying e suas influências no ambiente escolar e a relação da educação física com este fenômeno.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada no período de novembro/dezembro de 2011, tendo como intuito analisar o bullying nas escolas e suas implicações nas aulas de Educação Física.

REVISÃO DE LITERATURA

O que Bullying?

A tradução literal do termo bully significa ameaçar, intimidar, dar trote, fanfarronar e bravatear. Como não existe na língua portuguesa uma palavra capaz de expressar as situações de bullying, as seguintes ações podem estar relacionadas a esta prática: colocar apelidos pejorativos, ofender, zoar, encarnar, intimidar, tyrannizar, assediar, amedrontar, discriminar e agredir (CHAVES, 2006).

O termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s),

causando dor e angústia, ocorrendo dentro de uma relação desigual de poder. Significa usar o poder ou força repetidamente para intimidar, perseguir ou chantagear pessoas que, sem defesas, abatem-se, causando um enorme prejuízo à formação psicológica, emocional e sócio-educacional da vítima. (ABRAPIA, 2005; FANTE, 2005; BEAUDOIM; TAYLOR, 2006; TEIXEIRA, 2006)

Por tratar-se de um fenômeno social, pode surgir em diversos contextos, em função das relações interpessoais de crianças, jovens e adultos, tais como: trabalho (workplace bullying), prisões, asilos de idosos, orfanatos, família, clubes, áreas de lazer, meios de comunicação (cyberbullying - através da internet, mensagens e orkut - telefonia celular), dentre outros.

Para Fante (2005, p.9) o bullying "estimula a delinqüência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de auto-afirmação e de auto-expressão". Dependendo das situações geradas, pode proporcionar doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves.

Teixeira (2006) afirma que os alunos-vítimas podem apresentar, dependendo da gravidade dos fatos, transtornos comportamentais associados como: fobia social, distímia, depressão, transtornos invasivos do desenvolvimento (síndrome de Asperger e autismo infantil), transtornos disruptivos (transtorno desafiador opositivo, transtorno de conduta), transtorno de déficit de atenção / hiperatividade, transtorno bipolar do humor, depressão infantil e fobia escolar. Estes casos devem ter o acompanhamento de um profissional habilitado para que possam ser identificados e tratados devidamente.

As vítimas geralmente apresentam diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridas, como por exemplo: obesidade, baixa estatura, deficiência física, aspectos intelectuais, culturais, étnicos, religiosos, esportivos, sexuais e financeiros, dentre outras. Por sentirem-se indefesos frente aos ataques sofrem calados por vergonha

da exposição ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas, destrutivas que podem culminar em vinganças e suicídios. (FANTE, 2005; BEAUDOIN E TAYLOR, 2006)

Os agressores são pessoas, geralmente, sem limites (familiar, social, ...), que gostam de experimentar a sensação de poder, apresentam dificuldades de relacionamento social, são inseguros, carentes afetivamente e inadequados, sofrem intimidações em suas casas, já foram vítimas de algum tipo de abuso, são freqüentemente humilhados por outros e vivem sob constante pressão para que tenham sucesso em suas atividades rotineiras. Estudos realizados em diversos países já sinalizam para a possibilidade de que estas pessoas venham a se envolver em atos de delinqüência ou criminosos. (ABRAPIA, 2005)

Surgimento do bullying

Nas distintas idades da humanidade, a violência pode ser caracterizada como um problema crônico e recorrente. Ao se eleger um assunto que ocupe, atualmente, um lugar especial nas conversas cotidianas, poder-se-ia apontar, sem medo de errar, a agressão e a violência humana. Estas, sem dúvida, são os assuntos mais veiculados em manchetes de jornais e revistas, em programas de televisão e de rádios, em filmes e em livros de sucesso (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2000).

Em princípio, trata-se de um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhuma instituição: primária ou secundária; pública ou privada; rural ou urbana; católica, metodista, evangélica, espírita ou demais religiões. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo (PROGRAMA, 2005).

Cabe lembrar que o *bullying*, visto como objeto de estudo, é caracterizado como um fenômeno recente (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005). No entanto, se for analisado como ato, ele já aparecia em relatos literários da vida escolar, como em "Os Dias Escolares de Tom Brown" (*Tom Brown's Schooldays*), clássico relativo à época da Rainha Vitória, na Inglaterra.

A adoção universal do termo bullying foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School Bullying and Violence, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros (VISIONARY, 2005).

Fatores de risco

Fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade, constituem riscos para a manifestação do bullying e causam impacto na saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes (COLORADO, 2006).

O bullying é mais prevalente entre alunos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos freqüente na educação infantil e ensino médio (RAVENS-SIEBERER et al, 2004). Entre os agressores, observa-se um predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre gêneros.

O fato de os meninos envolverem-se em atos de bullying mais comumente não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento. Já a dificuldade em identificar-se o bullying entre as meninas pode estar relacionada ao uso de formas mais sutis (NETO;SAAVEDRA, 2004).

Considerando-se que a maioria dos atos de bullying ocorre fora da visão dos adultos, que grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida, pode-se entender por que professores e pais têm pouca percepção do bullying, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações (FEKKES, 2005).

A ABRAPIA identificou que 51,8% dos autores de bullying admitiram não terem sido advertidos (NETO; SAAVEDRA, 2004).

A aparente aceitação dos adultos e a conseqüente sensação de impunidade favorecem a perpetuação do comportamento agressivo. A redução dos fatores de risco pode prevenir o comportamento agressivo entre crianças e adolescentes. Os esforços devem ser direcionados para a diminuição da exposição à violência no ambiente escolar, doméstico e comunitário, além daquela divulgada pela mídia (AMERICAN ACADEMY OF CHILD AND ADOLESCENT PSYCHIATRY, 2005).

A violência no contexto escolar

A violência no contexto escolar tem se manifestado de variadas formas, não estando restrita aos atos mais explícitos como as agressões físicas ou o uso de armas. Sua classificação e explicação tem sido uma tarefa difícil porque abrange aspectos heterogêneos que envolvem contextos múltiplos.

Abramovay e Rua (2002) associaram os atos violentos a fatores como: gênero, idade, etnia, família, ambiente externo, insatisfação/frustração com as instituições e a gestão pública, exclusão social e exercício do poder. No mapa das violências no Brasil, as autoras detectaram, ainda, que o ambiente onde está inserida a escola, suas imediações, seu contexto, a localização, são os fatores que representam ponto mais crítico de influência à ocorrência de atos violentos mais explícitos.

Para o autor Bernard Charlot (*apud* ABRAMOVAY; RUA, 2002) existem muitas dificuldades em delimitar-se e definir questões relativas aos atos violentos

Revista @rgumentam. Faculdade Sudamérica. Volume 6-2014 p. 216-235

nas escolas porque a temática contradiz representações sociais e valores como por exemplo a inocência no caso da infância e a escola como um refúgio, um “porto seguro”. Ele classifica os atos de violência escolar em três níveis conceituais:

- **violência:** golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- **incivilidades:** humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- **violência simbólica ou institucional:** compreendida como a falta de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os jovens no mercado de trabalho; a violência na relação de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

Para Michaud (1989), a noção de violência é ambígua porque suas expressões são múltiplas, não estando restrita aos atos mais explícitos como as agressões físicas. Ele afirma que:

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando dano a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (p. 77).

Debarbieux (2002) comunga com a idéia de que os atos violentos no contexto escolar devem levar em conta o que dizem as vítimas. O abuso do poder e situações que passam despercebidas no dia-a-dia, muitas vezes podem causar mais danos do que os casos mais caóticos e brutais. A voz das vítimas pode traduzir verdades e percepções que passam longe das expressões violentas e das punições previstas no Código Penal ou no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Podem revelar um “mundo” de ações significativas que ajudam a entender a dinâmica expressão dos atos violentos, suas conseqüências e seus reflexos. Para o autor, “(A) história da violência na escola - assim como muitas outras formas de violência – é a história da descoberta gradual das vítimas, daquelas pessoas esquecidas da história”.

Sposito (1998) vai mais longe, incluindo nos conceitos de expressões violentas o racismo e as intolerâncias. Para esta autora, a definição da violência tem variado de acordo com a realidade de cada país. O contexto político, religioso, questões históricas, culturais e de valores devem ser levadas em conta ao se analisar o tema, assim como a ausência de diálogo e de negociações. Ela afirma que “a violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”. Neste caso, quando a escola e os professores negam certas incivildades e abusos no cotidiano escolar como formas de violências, estão ignorando e perdendo uma oportunidade pedagógica de formar pessoas dentro de um contexto voltado para a cultura de paz e solidariedade.

Ainda em relação à violência no contexto escolar, destacaremos o *bullying*, uma forma de violência que tem sido alvo de análises e estudos, principalmente na Europa. Suas manifestações podem passar despercebidas no cotidiano escolar, mas seus efeitos, no entanto, podem ser arrasadores quando não são detectados de forma que haja intervenção adequada.

É um fenômeno marcante e sua gravidade passou a ser pesquisada a partir dos anos 90 quando repetidas ações de tirania, opressão, dominação e agressão passaram a ser observadas com frequência no meio escolar. *Bullying* é uma palavra inglesa que traduzida literalmente quer dizer oprimir, amedrontar, maltratar, ameaçar, intimidar. De acordo com Lopes Neto e Saavedra (2003), entende-se por *bullying*:

Todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima.

O *bullying* pode trazer conseqüências danosas ao meio educacional e às pessoas que sofrem com este tipo de violência. Geralmente, as vítimas apresentam problemas como baixa auto-estima, sendo movidas pela opressão e pelo medo. Não procuram ajuda porque se sentem incapazes, impotentes diante do poder do agressor e são tomadas pela depressão e pelo isolamento. Algumas vezes se afastam do convívio social dentro da escola, fato que, entre outras conseqüências, costuma acarretar queda no rendimento escolar. Há, inclusive, registros de casos de suicídio, narrados e comentados criteriosamente por Fante (2005), ocorridos em virtude de situações de *bullying*.

É importante que educadores, gestores, pais e alunos tomem consciência de que é direito de crianças e adolescentes estudarem num ambiente saudável e isto inclui que todos sejam aceitos e respeitados em suas diferenças e, conscientes, trabalhem para que estes direitos sejam garantidos.

O *bullying* não deve ser considerado como uma característica normal de jovens e adolescentes, pois quando a escola age desta forma está sendo conivente com um tipo de violência que se perpetua sem alardes, agindo “disfarçadamente” sobre vítimas que na maioria das vezes não conseguem se defender. É papel da

gestão educacional indignar-se e agir em prol de um convívio harmônico no meio educativo.

Alvos de bullying

Considera-se alvo o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa (LOPES NETO, 2005) .

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua auto-estima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos (NETO; SAAVEDRA, 2004).

O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo (AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION, 2005).

Pode evitar a escola e o convívio social, prevenindo-se contra novas agressões. Mais raramente, pode apresentar atitudes de autodestruição ou intenções suicidas ou se sentir compelido a adotar medidas drásticas, como atos de vingança, reações violentas, portar armas ou cometer suicídio (DAWKINS, 1995).

Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. A

rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência de bullying. No entanto, é provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas sejam, efetivamente, as causas do assédio (ESLEA; REES, 2001).

Embora não haja estudos precisos sobre métodos educativos familiares que incitem ao desenvolvimento de alvos de bullying, alguns deles são identificados como facilitadores: proteção excessiva, gerando dificuldades para enfrentar os desafios e para se defender; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional aquém do aceito pelo grupo; e o papel de .bode expiatório. da família, sofrendo críticas sistemáticas e sendo responsabilizado pelas frustrações dos pais.

Nos casos em que alunos armados invadiram as escolas e atiraram contra colegas e professores, cerca de dois terços desses jovens eram vítimas de bullying e recorreram às armas para combater o poder que os sucumbia. As agressões não tiveram alvos específicos, sugerindo que o desejo era o de .matar a escola., local onde diariamente todos os viam sofrer e nada faziam para protegê-los (NETO; SAAVEDRA, 2004).

É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o bullying sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações, por descrever nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas. Na pesquisa da ABRAPIA, 41,6% dos alunos alvos admitiram não ter falado a ninguém sobre seu sofrimento (NETO; SAAVEDRA, 2004).

O silêncio só é rompido quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitados e valorizados. Conscientizar as crianças e adolescentes que o bullying é inaceitável e que não será tolerado permite o enfrentamento do problema com mais firmeza, transparência e liberdade (PEARCE; THOMPSON, 1998).

Principais consequências do bullying

*Alvos

Em geral, ficam amedrontados, estressados e com um quadro de baixa auto-estima, capacidade mínima de auto-aceitação e auto-expressão, podendo até desenvolver doenças de origem psicossomática. Muitos alunos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Sentem-se infelizes, sofrem com o medo, desenvolvem quadro de depressão e ansiedade. Trocam de colégio com freqüência e/ou abandonam os estudos. Há jovens com extrema depressão e que se sentem tão oprimidos que acabam tentando ou cometendo o suicídio. Além disto, podem atingir a vida adulta com os mesmos problemas, tendo dificuldades para se desenvolverem e se adaptarem ao ambiente de trabalho (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

*Autores

Admite-se que os alunos que praticam o *bullying* têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e violentos (por exemplo, brigas freqüentes e lesões relacionadas a estas, porte de armas), podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinqüentes e/ou criminosas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

*Testemunhas

Apesar de não sofrerem as agressões, diretamente, muitos alunos podem se sentir incomodados com o que vêem e inseguros sobre o que fazer. Alguns reagem negativamente diante da violação de seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar negativamente sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Bullying e Educação Física escolar

Em trabalho intitulado “Discriminação de Gênero nas aulas de Educação Física”, apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (FANTE, 2005), verificamos manifestações deste fenômeno através de pesquisa de campo, realizada via entrevista com grupo focal, com seis crianças, três do sexo masculino e três do sexo feminino, alunos da 4ª série do ensino fundamental público do município do Rio de Janeiro. A pergunta norteadora foi: - quais são os tipos de violência e discriminação existentes entre meninos e meninas, nas aulas mistas de educação física? Os alunos e as alunas discutiram com interesse sobre o que acontecia nas suas aulas no que concerne a esse tipo de abuso. A principal evidência foi da agressividade dos meninos, manifestada através de palavras e atos, a ponto de uma menina, durante a fala, se queixar dos apelidos, das ofensas, das atitudes e ações dos meninos: “[...] muitas das vezes as pessoas acabam se machucando, né, porque os meninos são um pouco mais agressivos”.

Agressividade e competitividade se associaram fortemente aos meninos, enquanto para as meninas predominou a fragilidade. Para Myers (2000) a agressividade refere-se ao ato de ferir o outro, física ou simbolicamente, e as pesquisas sugerem que os homens, mais voltados às atividades tipicamente masculinas, como caçar, lutar e guerrear, são mais propensos à agressividade do que as mulheres. Isto não quer dizer que o comportamento agressivo não apareça nas meninas, pois elas também o são, principalmente entre si.

Esses grupos podem ser prejudiciais ou não à formação da criança, se nos reportarmos a Scott (2005, p. 15), que diz que “Identidade de um grupo define indivíduos e renega a expressão ou percepção plena de sua individualidade”. A fidelidade ao grupo pode chegar a tolher ou prejudicar o desenvolvimento pleno do indivíduo.

As identidades de grupo são formas de comportamento e manifestação próprias do mesmo, sem que necessariamente os indivíduos se dêem conta do que está
Revista @rgumentam. Faculdade Sudamérica. Volume 6-2014 p. 216-235

ocorrendo. Por exemplo, se o ato de agressão durante um jogo entre meninos e meninas se tornar normal, eles podem, de forma não intencional, mas acidentalmente, selecionar uma vítima, para ser alvo de deboches, de ameaças e até mesmo de agressão física; pode ser que esteja ocorrendo o fenômeno *bullying*, sem que o professor ou professora perceba, e mesmo sem que cada membro do grupo, enquanto indivíduo, tome consciência do ato em que está envolvido (OLIVEIRA; VOTRE, 2006).

Enderle (1985) diz que a escola representa para a criança a entrada em um mundo diferente da família, onde aparecem as noções explícitas de ordem, dever, disciplina e, principalmente, silêncio. Isto não quer dizer, segundo a autora, que é somente por causa da escola que a criança apresentará problemas, pois antes da mesma está a família.

Bullying é a ponta do iceberg da discriminação, e um indício de o quanto as pessoas estão envolvidas com os estereótipos culturais, que são produzidos conjuntamente por homens e mulheres na sociedade familiar e, sobretudo escolar, em que as crianças e os jovens os acabam reproduzindo. Representa um desafio único para os educadores, que são convidados a afiar o olhar, a melhorar a escuta, atentos aos sinais de injustiça e crueldade e, na linha do que aqui se fez em cada caso relatado, a interferir pela conversa em grupo, em que se oferecem oportunidades para a reflexão, a tomada de posição e a superação do problema pela ampliação do círculo do *nós*, pelo alargamento da consciência. Na linha de ação educativa de Stoer e seus colegas, cabe à escola a tarefa de se recontextualizar para favorecer o debate franco, corajoso e objetivo das questões que afligem sua comunidade (OLIVEIRA; VOTRE, 2006).

Segundo a orientação de Bernstein (2001) é dever da escola recontextualizar-se e reposicionar-se face a este grave problema, e tirar uma linha firme de conduta moral e ética de modo que fique explícito, no código de ética da escola, discutido e acolhido por professores e alunos, que nenhuma criança ou adolescente pode ser

desrespeitada, agredida, ameaçada ou negligenciada, nesse espaço de convívio e formação. Deve-se fazer com que os meninos e as meninas sejam mais tolerantes, e aprendam a compreender as diferenças, para não utilizarem as suas habilidades, dentro da aula de educação física, como meio de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho aprendi a avaliar a gravidade e complexidade do bullying e o quanto pode ser devastadora suas conseqüências. A escola por ser um ambiente onde se encontra pessoas de várias terminações, acaba sendo o local mais propício ao bullying.

Com crescimento da violência no ambiente escolar é necessário que os profissionais da educação estejam mais atentos aos comportamentos de seus alunos, a fim de evitar a proliferação desse fenômeno.

É preciso que se tenha maior interação entre pais, professores e direção para que o combate tenha mais êxito. Faz necessário educarmos para a esperança, para a felicidade onde conseguimos cooperar enquanto educadores que somos, para que a humanidade consiga superar a brutal exclusão social que marca nosso tempo.

Na verdade, violências como o *bullying* e as agressões verbais, ambas marcantes neste estudo como expressões presentes nas relações entre os alunos, parecem não trazer grandes incômodos à rotina pedagógica. Geralmente, aquele que é agredido tende a calar-se dentro de uma relação de poder desproporcional, onde o mais fraco anula-se por medo.

O papel da gestão para lidar com questões violentas, tanto no interior das escolas, quanto nos sistemas de ensino é de fundamental importância, necessitando, no entanto, de ajustes conceituais e práticos, tendo em vista a gama de peculiaridades e necessidades que a tarefa educativa nos coloca à frente, na atualidade.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças (coords.). Violência nas escolas. Brasília: Unesco, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br/Bconceituaçãoo21.htm>>. Acesso em novembro de 2011.

AMERICAN ACADEMY OF CHILD AND ADOLESCENT PSYCHIATRY. Understanding violent behavior in children and adolescents. Washington DC. American Academy of Child & Adolescent Psychiatry; **AACAP Facts for Families** nº 55. 2005. www.aacap.org/publications/factsfam/behavior.htm. Acesso em novembro de 2011.

AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION COMMISSION FOR THE PREVENTION OF YOUTH VIOLENCE. Youth and violence. www.ama-assn.org/ama/upload/mm/386/fullreport.pdf. 2005 Dawkins J. Bullying in school: doctor.s responsibilities. BMJ 1995;310. Página 274-275.

BEAUDOIM, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

BERNSTEIN, Basil. Das pedagogias aos conhecimentos. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, 2001

CHRISPINO, Álvaro e CHRISPINO, Raquel. Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar. São Paulo: Editora Biruta, 2002.

DEBARBIEUX, Éric e BLAYA, Catherine (orgs.). Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília/DF: UNESCO, 2002.

DEBARBIEX, Eric; BLAYA, Catherine. Violência nas Escolas e Políticas Públicas. Brasília: UNESCO. 2002.

ENDERLE, Carmen. Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança. Porto Alegre: Artmed, 1985.

ESLEA, M.; REES, J. At what age are children most likely to be bullied at school?. **Aggressive Behavior**. 2001;27. Página 419-429.

FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FEKKES, M; PIJPERS, F.I; VERLOOVE-VANHORICK, S.P. Bullying: Who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. **Health Education Res**. 2005. Página 81-91.

LOPES NETO, A.A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **J Pediatr** (Rio J).(5 Supl).2005. Página 164-172.

LOPES NETO, A.A; SAAVEDRA, L.H. Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MICHAUD, Yves. A violência. Coleção Princípios e Fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MYERS, David G. Psicologia social. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

OLIVEIRA, Flávia Ferrnandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Sebastião Josué Votre. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02. Maio/agosto de 2006. Página 173-197.

PEARCE, J.B.; THOMPSON, A.C. Practical approaches to reduce the impact of bullying. **Arch Dis Child**. 1998;79. Página 528-531.

PROGRAMA DE REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES -2005. Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em novembro de 2011. Programa desenvolvido pela Abrapia.

RAVENS-SIEBERER, U.; KÖKÖNYEI, G.; THOMAS, C. School and health. In: CURRIE, C.; ROBERTS, C.; MORGAN, A.; SMITH, R.; SETTERTOBULTE, W.; SAMDAL, O et al. (editors). Young people's health in context. Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey.

Revista @rgumentam. Faculdade Sudamérica. Volume 6-2014 p. 216-235

Health Policy for Children and Adolescents; N° 4. World Health Organization. 2004. Página 184-195.

RODRIGUES A, ASSMAR EML, JABLONSKI B. Psicologia social. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2005. Página 11-30.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência nas escolas no Brasil. **Educação e pesquisa**, São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 87 – 103, Jan/jun. 2001.

TEIXEIRA, Gustavo. Transtornos comportamentais na infância e adolescência. Rio de Janeiro: Rubio, 2006.

UNIVERSIDADE DO COLORADO. Center of Study and Prevention of Violence . Institute of Behavioral Science at University of Colorado at Boulder. Blueprints for violence prevention . Training and technical assistance. 2006. www.colorado.edu/cspv/blueprints/model/programs/BPP.html. Acesso em novembro de 2011.

VISIONARY NET. School Bullying and violence. 2005. www.conference.bullying-in-school.info. Acesso em novembro de 2011.